



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I - CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

FRANCIRTON JOSINO VIANA

Icó: seu patrimônio, conhecer e preservar

CAMPINA GRANDE – PB
2011

FRANCIRTON JOSINO VIANA

Icó: seu patrimônio, conhecer e preservar

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em História da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em História.

Orientador: Prof. Ms. Matusalém Alves Oliveira

CAMPINA GRANDE – PB
2011

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL – UEPB

V614i Viana, Francirton Josino.
Icó [manuscrito]: seu patrimônio, conhecer e preservar /Francirton Josino Viana. – 2011.
23 f.: il. color.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2011.

“Orientação: Prof. Ms. Matusalém Alves Oliveira, Departamento de História”.

1. Preservação Histórica 2. Patrimônio 3. Arquitetura Antiga I. Título.

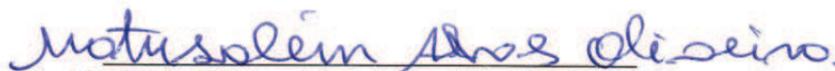
21. ed. CDD 363.69

FRANCIRTON JOSINO VIANA

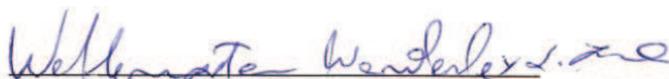
Icó: seu patrimônio, conhecer e preservar

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em História da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em História.

Aprovado em 25/11/2011.



Prof. Ms. Matusalém Alves Oliveira / UEPB
Orientador



Prof. Ms. Wellington Wanderley Gonçalves de Lima / UEPB
Examinador



Profª Ms. Maria Giseuda Nascimento Limeira / UEPB
Examinadora

Icó: seu patrimônio, conhecer e preservar

VIANA, Francirton Josino¹

RESUMO

Icó, conhecida como a cidade dos sobradões, possui um conjunto arquitetônico de infinita beleza. São Igrejas, sobradões e casarões que refletem na sua arquitetura a história dos nossos antepassados. Este estudo pretendeu refletir acerca da necessidade do conhecimento e da preservação do patrimônio histórico icoense. Para realizá-lo foram executadas duas pesquisas, uma bibliográfica e outra de campo. A primeira foi feita por intermédio de consultas em diversas fontes, quais sejam: livros, revistas, jornais, artigos de internet, dentre outras. A segunda foi efetivada no município de Icó através de visitas aos principais prédios que constituem o conjunto arquitetônico icoense. Almejou-se por intermédio do presente estudo contribuir para preservação patrimonial dos embaixadores culturais, políticos, sociais e econômicas do município de Icó-CE.

PALAVRAS-CHAVE: Icó. Conhecimento. Patrimônio. Preservação.

¹ Graduando do Curso de História pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, Professor de História da Rede Municipal de Ensino de Icó-CE. E-mail: francirton_josino@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

Uma das principais tendências do ensino de história atualmente diz respeito à relevância da inclusão da história local no currículo escolar. Nesse sentido, o presente artigo objetivou atender a prerrogativa supracitada elencando a preservação do patrimônio icoense na temática deste estudo.

A justificativa do tema está relacionada com a necessidade de resgatar as raízes históricas do desenvolvimento do município de Icó presentes nas mais diversificadas fontes históricas, dentre elas: museus, prédios, ruas, documentos escritos, depoimentos orais, etc.

Quanto à metodologia, o trabalho elegeu duas pesquisas: uma de caráter bibliográfico e outra de campo, sendo a primeira feita por intermédio de consultas em fontes variadas como: livros, revistas, jornais, artigos de internet, etc., e a segunda desenvolvida no município de Icó-CE, através de visitas aos principais prédios que constituem o patrimônio icoense. Foram relacionados 8 (oito) dos principais prédios que constituem o riquíssimo patrimônio histórico e arquitetônico do referido município.

O artigo estruturou-se da seguinte forma: referencial teórico, contendo a pesquisa bibliográfica e referencial metodológico contendo a pesquisa de campo.

Espera-se que este estudo contribua para a formação cidadã de todos os moradores do município em questão.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

A palavra patrimônio retrata uma relação antagônica que produz vários significados e entendimentos diante da visão do povo e a formação de sua identidade cultural, social e sua condição proposta mediante a sua exploração financeira. Com isso, o patrimônio desencadeou um sentido novo, a palavra que passou a assumir uma referência ao conjunto de bens culturais de uma nação.

“A palavra patrimônio pode assumir sentidos diversos. Originalmente esteve relacionada à herança familiar, mais diretamente aos bens materiais. No século XVIII, quando, na França, o poder público começou a tomar as primeiras medidas de proteção aos monumentos de valor para a história das nações, o uso de “patrimônio” estendeu-se para os bens protegidos por lei e pela ação de órgãos especialmente constituídos, nomeando o conjunto de bens culturais de uma nação.” (FUNARI e PINSKY, 2001, p.16)

Somente a partir do século XIX o patrimônio passou a ser divulgado; data também deste período o início de sua oficialização e, por conseguinte, uma maior atenção dos órgãos federais em busca de meios para tentar resgatar, recuperar as tradições culturais e memórias de um povo enquanto bens culturais, partindo desde o princípio de uma cultura comum.

Sendo assim, o resgate cultural serviu como um fator primordial para a construção do Patrimônio Histórico, que traz em sua essência o verdadeiro significado na descoberta da memória de um povo, de acordo com o tempo e cada época.

Diante da preocupação das relações com a preservação do patrimônio cultural e as possibilidades das novas relações de trabalho criando alternativas mediante o uso de novas tecnologias construtivas, a viabilização do homem com o seu habitat.

Podemos observar por meio dos registros históricos que é a partir das grandes transformações sócio-políticas e econômicas que mais constantemente surgem preocupações com os monumentos do passado.

A partir de um estudo sobre o contexto da época, sobre uma memória onde está registrada cada época através do patrimônio desde a Europa até o Brasil, podemos observar, durante a Idade Média, por exemplo, que apesar das relações do passado serem atribuídas à ignorância, é tanto que essa época ficou reconhecida como o passado das trevas, as idéias iluministas vieram a se contrapor ao próprio homem enquanto ser e a sua origem.

Na época do iluminismo pode-se constatar, segundo a ciência houve uma desarticulação entre o passado e o presente e como consequência disso o objeto antigo era estudado apenas como um instrumento sem nenhuma importância e limitado a tempo e espaço.

Por isso, o esquecimento no campo da preservação numa visão sem articulação com o passado, como citado por Gonçalves (1996, p.70) “[...] cidades, casas e igrejas coloniais barrocas eram consideradas como signos de um Brasil original e esquecido, um exemplo de vitalidade e originalidade cultural [...]”

As construções, portanto, estabelecem para si um lugar, uma temporalidade através do qual ela norteia sua existência, refúgios onde ela busca referências e através do qual presencia sua própria evolução por meio das diferentes mudanças sofridas.

Em se tratando de Brasil é necessário ressaltar que o movimento artístico cultural aconteceu com artistas e intelectuais que vieram de outros países, deixando suas marcas registradas, e isso implicava vínculos do mundo moderno, permitindo conhecer o próprio Brasil, buscar sua história e suas raízes, dando ênfase na produção e no movimento artístico cultural. Diz Odete Dourado (1989): “A institucionalização da preservação do patrimônio histórico cultural, tal como é sentida pela modernidade diz respeito mais no esquecimento que lhe é genético do que prioritariamente à memória que lhe é estranha.”

Sendo assim, na sociedade moderna em que vivemos apesar de as leis de preservação do patrimônio histórico serem aprovadas, nos deparamos mais ainda com uma emergente mudança que vem ocorrendo ao longo do tempo em que o povo acompanha o processo lentamente.

Por isso faz-se necessário a análise mais profunda entre esta relação antagônica entre a utilização do patrimônio na formação da identidade social e sua exploração financeira.

Com isso, a palavra patrimônio assumiu diferentes significados desde sua utilização como referência a herança familiar, ao conjunto de bens culturais de uma nação.

No entanto, a partir do século XIX, o patrimônio passou a ser utilizado oficialmente para criar a representação do passado cultural e histórico de um povo. Servindo assim como um meio de unificar as tradições e memórias de diferentes povos sob uma cultura comum.

O patrimônio serve então como elemento essencial na composição da identidade social de cada indivíduo; sua construção, no entanto varia de acordo com as circunstâncias de cada época.

No Brasil, a partir da década de 60, o país pôde observar uma maior exploração econômica do turismo que passa a ultrapassar os limites do reconhecimento de seu valor cultural, tornando-se inevitavelmente um produto vendável; esta situação, por sua vez, promove o surgimento de diferentes sentidos para o patrimônio, já que a sociedade passa a enxergá-lo como um fator gerador de qualidade de vida, o poder público passa a desenvolver

ações em prol de seu desenvolvimento local, mas com o objetivo de poder extrair do mesmo recursos vendáveis.

A partir do ano 2000, a Conferência Internacional dos Restauradores² lança um novo olhar sobre o patrimônio já que a mesma questiona os reais efeitos da massificação do turismo; assim, segundo Funari e Pinsky (2001, p.22) “... o crescimento da importância dada pelo poder público ao patrimônio fundamentava-se no reconhecimento de seu valor cultural, mas, além disso, de sua potencialidade como mercadoria de consumo cultural.”

O valor cultural do patrimônio torna-se sob estes critérios, mais ameaçado que sua própria estrutura material, já que os entraves são impostos ao seu próprio reconhecimento enquanto parte da cultura local e nacional.

Essa estrutura material estabelece para si um lugar no tempo para nortear sua existência, se refugiando em busca de suas referências, através do qual ele presencia sua evolução com o passar do tempo e por meio das diferentes mudanças por ele sofridas, de maneira que a manipulação desregulada destes símbolos implica na castração de seus próprios referenciais:

“A preservação do patrimônio cultural, aliada a qualidade de vida urbana, amplia o espectro de variáveis a serem consideradas para a garantia e manutenção dos valores culturais e ambientais urbanos. Assim, devem ser pensadas alternativas para essas cidades, adequadas as suas especificidades, para solucionar problemas como saneamento básico, infra-estrutura de serviços e equipamentos urbanos, circulação e transporte coletivo, economia estagnada ou em declínio, crescimento urbano desordenado. Não há porquê, sob a desculpa de preservar o patrimônio histórico, artístico e cultural, deixar degradar o ambiente urbano.” (SIMÃO, 2001, p.59)

As transformações promovidas pelo sistema capitalista destituem os indivíduos sociais de seus locais de referência, forçando-os a adequarem-se como parte do coletivo. A grande questão a ser discutida é, portanto, a utilização e exploração material do patrimônio, sem que este seja destituído de seus valores simbólicos.

² A Conferência Internacional dos Restauradores aconteceu em outubro de 2000 na Cracóvia, ao sul da Polônia, onde foi debatido o papel do legado cultural no desenvolvimento da civilização e a proteção dos monumentos. Para os especialistas, o turismo massificado e sem controle é perigoso, uma vez que destrói a identidade de cada lugar. Os participantes da conferência assinaram a chamada Carta Cracoviana 2000, que pretende ser um alerta e uma compilação dos princípios éticos que as instituições e os restauradores de monumentos devem respeitar. Conforme a nova denominação, monumentos são tanto as obras de arte como as escavações arqueológicas e a paisagem. O documento substituiu a Carta de Veneza, de 1964.

3. REFERENCIAL METODOLÓGICO

O município de Icó, situado na região centro-sul do Estado do Ceará, possui uma das maiores áreas territoriais do Estado, 1.871,98 km².

Limita-se ao norte com os municípios de Jaguaribe e Pereiro; ao sul com Cedro, Lavras da Mangabeira e Umari; ao leste com os estados do Rio Grande do Norte e Paraíba e ao oeste com os municípios de Iguatu e Orós.



Igreja de Nossa Sra. da Expectação. (Fonte: <http://www.flickr.com/photos/sansaojunior/3834426055/> acesso em 08.11.2011 as 08h24min.)

A Igreja de Nossa Senhora da Expectação (Igreja Matriz) primeira edificação do município icoense, era, inicialmente uma capela construída por volta de 1709, período caracterizado por demasiadas agitações e bravas lutas entre as famílias Monte e Feitosa, que com prestígio e bravura defendiam suas terras.

Segundo LIMA e SOUZA (1996, p.22) “A cidade teve inicio a partir da construção da capela de Nossa Senhora da Expectação, cujo patrimônio foi doado por Francisco Monte Silva em 1709, quando em torno da capela cresceu o povoado.”

Por ocasião de uma das lutas travadas entre as famílias Monte e Feitosa, a filha do Coronel Francisco Monte e Silva foi assassinada. Segundo a tradição, a esposa deste bravo pioneiro, sensibilizada por sepultar sua filha em pleno campo, doou 1 légua de terra e mandou

eregir uma capelinha sob invocação de Nossa Senhora do Ó. Hoje a capelinha que serviu de túmulo para os dominantes daquela época é a Igreja Matriz de Nossa Senhora da Expectação.

A supracitada Igreja já sofreu duas grandes reformas para se constituir a então matriz de hoje, uma em 1785 e outra em 1911. No ano 2000 a Igreja Matriz foi restaurada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, e devolvida à comunidade local em 15 de abril de 2000. A sua padroeira é Nossa Senhora da Expectação.

Segundo LIMA e SOUZA (1996, p.47) “Seu altar, todo trabalhado em madeira de lei, constitui-se numa obra de arte de extremo bom gosto, fazendo do Santuário de N. Sra. da Expectação uma raridade sacra.”



Igreja do Senhor do Bonfim. (Fonte: <http://www.flickr.com/photos/nahyara/page10/> acesso em 08.11.2011 as 08h23min.)

A Igreja Senhor do Bonfim foi edificada por volta de 1749 e é o santuário mais venerado da região por ser o sacrário da imagem do Senhor do Bonfim, considerado o padroeiro da cidade. No seu interior, no altar principal, abriga a imagem do Senhor do

Bonfim. Conforme a tradição popular a referida imagem foi trazida da Bahia, provavelmente de Salvador, acompanhada de uma procissão de fiéis, que num ato de fé e devoção, fizeram todo o percurso a pé. No dizer de LIMA e SOUZA (1996, p.45) “É mantida até hoje a tradição de adoração ao Senhor do Bonfim às sextas-feiras, e, a cada 1º de janeiro, grandiosa procissão é realizada por milhares de devotos, numa manifestação pública de fé, alegria e festa.”

No dia 1º de janeiro de cada ano, a cidade inteira se agita para comemorar a festa do Senhor do Bonfim. É um acontecimento de beleza impar, cuja festa tem início com uma procissão, onde a imagem é conduzida por uma multidão de devotos contritos, entoando cânticos sacros pelas ruas principais do município icoense, ornamentado de luzes nos grandes arcos e o chão coberto de tapetes de serragem coloridas. Na ocasião da chegada do Santo a Igreja, milhares de fogos de artifício são queimados, produzindo estrondos inigualáveis, enchendo o céu de luzes e fumaça. Conforme LIMA e SOUZA (1996, p.118):

“A procissão percorre algumas das ruas que são enfeitadas com tapetes e ornamentos sacros, numa manifestação de regozijo pela passagem da imagem do Santo, considerado Padroeiro do Município.

“No momento da chegada da procissão, uma grandiosa e reluzente explosão de fogos se confunde com os aplausos e louvores dos devotos que vêm nesses gestos uma forma de expressão de sua fé e uma demonstração viva de sua adoração ao Senhor do Bonfim.”



Igreja de Nossa Sra. do Rosário. (Fonte: <http://icomemoria.blogspot.com/2008/03/criao-da-parquia-de-nossa-senhora-do.html> acesso em 08.11.2011 as 08h25min.)

A Igreja de Nossa Senhora do Rosário, considerada o lugar de refúgio dos homens pardos, traz nas suas linhas arquitetônicas o estilo barroco, característico da arquitetura portuguesa, e foi construída em 1828 pelos escravos. Antigamente, a referida Igreja era chamada Igreja dos Escravos, posteriormente Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pardos, devido à discriminação racial ostensivamente declarada na época que não permitia que os negros desfrutassem em comum do mesmo templo religioso que os brancos. Conforme demonstra LIMA e SOUZA (1996, p.56):

“Localizada distante do quadro urbano dos antepassados (a ligação fazia-se através da Rua do Meio) era o único espaço de liberdade que tinham os oprimidos e explorados da escravidão colonial, cujo sofrimento era partilhado na missa de 7 de outubro de cada ano, dia do encerramento da festa da referida santa.”

Anualmente, no dia 7 de outubro, aos escravos era permitido sair para assistir a missa celebrada exclusivamente para eles. Funcionava como um dia da liberdade para os cativos, que maciçamente compareciam para o culto, sob a vigilância de seus donos. Apesar de ser uma única missa por ano, os pobres negros escravos iam contentes adorar Nossa Senhora do Rosário.



Palácio da Alforria. (Fonte: http://www.aprece.org.br/site/?prefeitura=82&acao=pontos_turisticos&pagina=3 acesso em 08.11.2011 as 08h27min.)

O Palácio da Alforria (Prefeitura Municipal), luxuosa edificação em estilo colonial, foi construído por volta de 1835.

A fachada conserva suas linhas originais inclusive com duas enormes boqueiras tipo “Boca de Jacaré“, com sacadas em ferro trabalhadas, ostentando antigos monogramas “JPN” identificando seu antigo proprietário, o Major Joaquim Pinto Nogueira, falecido em 1865. Na frente do prédio há uma placa de bronze contendo os seguintes dizeres: “Nesta casa nasceu o Comendador Antônio Pinto Nogueira Acioly, nascido no dia 11 de Outubro de 1840”. Homem de grande destaque político, que governou o Ceará por quase 20 anos, filho do Major Joaquim Pinto Nogueira. Há também afixado na frente do prédio as “armas do município”, um brasão de bronze contendo 6 estrelas, sendo as cinco menores representando os distritos e uma maior representando a sede municipal. Na parte inferior e a direita, duas mãos (uma negra e outra branca) em gesto de confraternização relembrando a alforria dos escravos. Em cima do escudo uma coroa heráldica simbolizando a tradição de Princesa dos Sertões. Em baixo uma faixa com inscrição: 25 de Outubro de 1842, data da emancipação política do município de Icó. Da faixa, nascem dois ramos, um de milho e outro de algodão, as duas fontes de economia do município. Data que merece ser citada e motivo de muito orgulho para os icoenses é o dia 25 de Março de 1883, por ter sido nesta época a data da alforria dos escravos que residiam nesta cidade, anterior, portanto, à Redenção e da libertação da escravatura oficial do Brasil. Conforme LIMA e SOUZA (1996, p.52) “A denominação do Palácio tem origem no fato do Icó ter sido uma das primeiras cidades cearenses a alforriar seus escravos, cinco anos antes da Lei Áurea que aboliu a escravatura no Brasil.”

É um sobrado arrojado com três andares conservando no seu interior as características originais dos templos coloniais.



Sobrado do Canela Preta. (Fonte: http://www.aprece.org.br/site/?prefeitura=82&acao=pontos_turisticos&pagina=3 acesso em 08.11.2011 as 08h28min.)

O Sobrado do Canela Preta é uma relíquia da civilização do couro e do charque. Pertence à tradicional família Teixeira, descendente do Sargento Mor João André Teixeira Mendes – O Canela Preta. Segundo a tradição, esse apelido Canela Preta, de João André, lhe foi dado porque usava constantemente umas botas pretas de cano longo. Depois da restauração promovida pelo IPHAN/Monumenta, o sobrado tornou-se sede do Núcleo de Música Canela Preta.



Sobrado do Mirante. (Fonte: http://www.aprece.org.br/site/?prefeitura=82&acao=pontos_turisticos&pagina=4 acesso em 08.11.2011 as 08h29min.)

Erigido em estilo colonial, o Sobrado do Mirante contém 3 (três) pavimentos, localizado na Avenida Ilídio Sampaio, nº 2076, retrata a opulência do passado icoense.

Contendo 8 (oito) janelas e situando-se no andar superior, o Mirante proporciona uma vista panorâmica da cidade.

Na época das grandes agitações sertanejas, o Mirante tinha primazia de oportunizar a visualização dos arredores do Salgado e das várzeas que circulam Icó, protegendo seus moradores de ataques inesperados.



Casa de Câmara e Cadeia. (Fonte: <http://iconacional.blogspot.com/2008/07/antiga-casa-de-cmara-e-cadeia-de-ic.html> acesso em 08.11.2011 as 08h30min.)

A construção da Casa de Câmara e Cadeia foi iniciada em 2 de Setembro de 1740 tendo sido concluída em 1744. Documentos relatam que o então governador João Tefé, propôs a EL-Rei que fossem cobrados impostos do meio tostão por cada cabeça de gado que fosse abatido para a Bahia e Rio de Janeiro, para com esses impostos serem construídas a Cadeia e Casa da Câmara em três vilas, inclusive em Icó. Em 20 de abril de 1882, foi baixado um decreto criando a capela no interior da penitenciária, que guarda em seu interior a imagem de São Domingos (protetor dos presidiários). Conforme LIMA e SOUZA (1996, p.42) “A Cadeia Pública de Icó, como os demais presídios possui muitas histórias e seus ocupantes são na maioria, homens pobres cujas vidas ceifadas da liberdade, cumprem nas suas celas o que determina a Lei”.

O prédio possui dois pavimentos, um com andar superior e outro térreo, onde funciona a cadeia pública. A espessura de suas paredes é de 1,50m (Um metro e meio). Os portões são verdadeiras fortalezas, possuem chave única de aproximadamente 500g (meio quilo). As celas possuem um dos mais perfeitos esquemas de segurança do Estado.



Teatro da Ribeira dos Icós. (Fonte: <http://blog.opovo.com.br/pliniobortolotti/ribeira-dos-icos-o-teatro-que-nunca-foi-inaugurado/> acesso em 08.11.2011 as 08h34min.)

Por fim, citamos o Teatro Ribeira do Icós, uma magnífica obra arquitetônica em versão neoclássica projetada pelo médico e historiador francês Pedro Theberge, que financiou com recursos próprios a sua construção, cujo responsável foi seu filho, o engenheiro Henrique Theberge, por volta de 1860. É um prédio imponente situado no largo do Theberge. Contém dois pavimentos: o interior térreo compõe-se de três galerias. No primeiro andar há um vasto salão que dá acesso aos camarotes superiores, além de áreas livres. Sua edificação consiste revitalizar no que tange aos eventos acerca do positivismo e uma influência de pensamentos cheios de tradição. Em outubro de 2011, o teatro recebeu a visita do escritor Ariano Suassuna, que desenvolve uma biografia, onde Icó foi contemplada por este autor devido à sua riqueza patrimonial e histórica.

Como vimos, Icó é destaque nacional, possuindo um sítio histórico de destaque oriundo das charqueadas que fizeram desta cidade entreposto comercial entre a capital e o interior do nordeste.

4. CONCLUSÃO

A preservação do Patrimônio Histórico é vista hoje, prioritariamente, como uma questão de cidadania e, como tal, interessa a todos por se construir em direito fundamental do cidadão e esteio para a construção da identidade cultural.

A Nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 9394/96 – enfatiza no seu artigo 26, que a parte diversificada dos currículos do ensino fundamental e médio deve observar as características regionais e locais da sociedade e da cultura, o que abre espaço para a construção de uma proposta de ensino de História Local, voltada para a divulgação do acervo dos municípios e estados.

Uma das formas de manter viva a história de uma cidade, além da preservação do patrimônio, é fazer com que a população tenha acesso às informações sobre o passado de seu povo e de sua terra, sobre a construção histórica do seu município. Sugiro que seja mais explorado o turismo patrimonial no município de Icó-CE, que ainda é uma atividade timidamente incentivada pelo poder público municipal.

Mediante o exposto, justifica-se a relevância do presente trabalho que objetivou mostrar que a população deve preservar seu patrimônio histórico e perpassar isso aos munícipes, de forma a brotar o sentimento de valor cultural, e não como forma de atrair de gerar riquezas para o município, através da iniciativa das escolas municipais em ensinar a história local aos seus alunos e da inserção de um livro didático que conta a história do referido município (projeto este que já fora iniciado), e principalmente resgatar a memória dos icoenses através do seu imensurável patrimônio.

ABSTRACT

Also called the city of floors, Icó has a conjunct architectural of infinite beauty. Are churches, houses and floors that reflect in its architecture the history of our ancestors. This study intended reflect about of necessity of knowledge and preservation to patrimony historic icoense. About to realize were executed two research, a bibliographic and another of field. The first was made by intermediate consultations in different fonts, which are: books, magazines, newspapers, articles of internet, among others. The second was effective on the city to Icó by of visits at major building which constitute the conjunct architectural icoense. Longed to by intermediate of present study contribute to the preservation of heritage grounded culture, politicians, social and economic of city to Icó – Ce.

KEYWORDS: Icó. Knowledge. Heritage. Preservation.

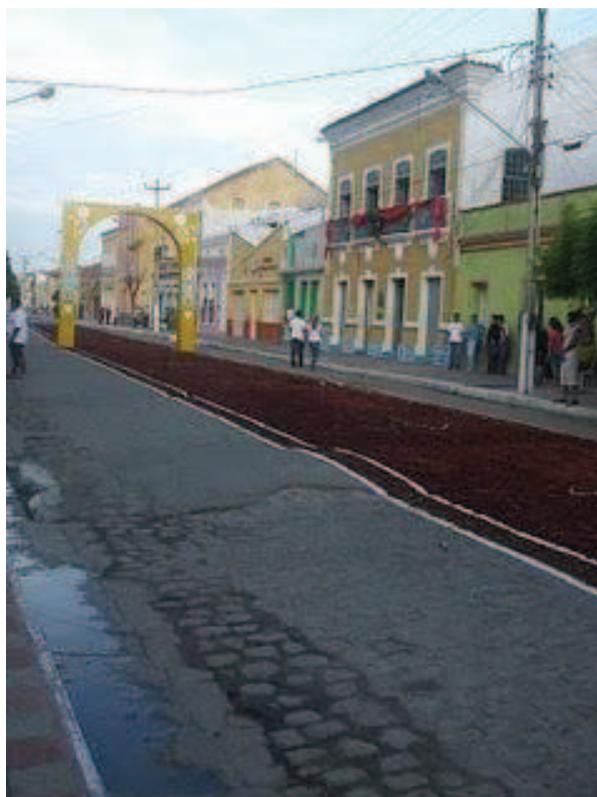
REFERÊNCIAS

- BRASIL, MEC. **Nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional LDB – 9394/96**. Brasília: 1996.
- DOURADO, Odete. **Para sempre, memória** In: SIMÃO, Maria Cristina Rocha. **Preservação do Patrimônio Cultural em Cidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- FUNARI, Paulo Redero e PINSKY, Jaime. **Turismo e Patrimônio Cultural**. São Paulo: Contexto 2001.
- GONÇALVES, José Reginaldo dos Santos. **A retórica da perda: os discursos do patrimônio cultural no Brasil** In: SIMÃO, Maria Cristina Rocha. **Preservação do Patrimônio Cultural em Cidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- LIMA, Idelsuite de. SOUZA, Maria Eleneuda de. **Princesa dos Sertões**. Fortaleza: Tropical, 1996.
- PAIVA, Olga Gomes de (Coord.). **Icó: patrimônio de todos: roteiro para a preservação do Patrimônio Cultural**. 2ª Ed., Fortaleza: IPHAN, 2006.
- SENAC Ceará. **Educação Patrimonial em Icó: conceitos e diretrizes**. Fortaleza: Editora SENAC Ceará, 2009.
- SENAC Ceará. **Icó: história, cultura e tradição**. Fortaleza: Editora SENAC Ceará, 2009.
- SIMÃO, Maria Cristina Rocha. **Preservação do Patrimônio Cultural em Cidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

ANEXOS



CHEGADA DA IMAGEM DO SENHOR DO BONFIM À RESPECTIVA IGREJA, DURANTE PROCISSÃO REALIZADA TODOS OS ANOS, NO DIA 01 DE JANEIRO.



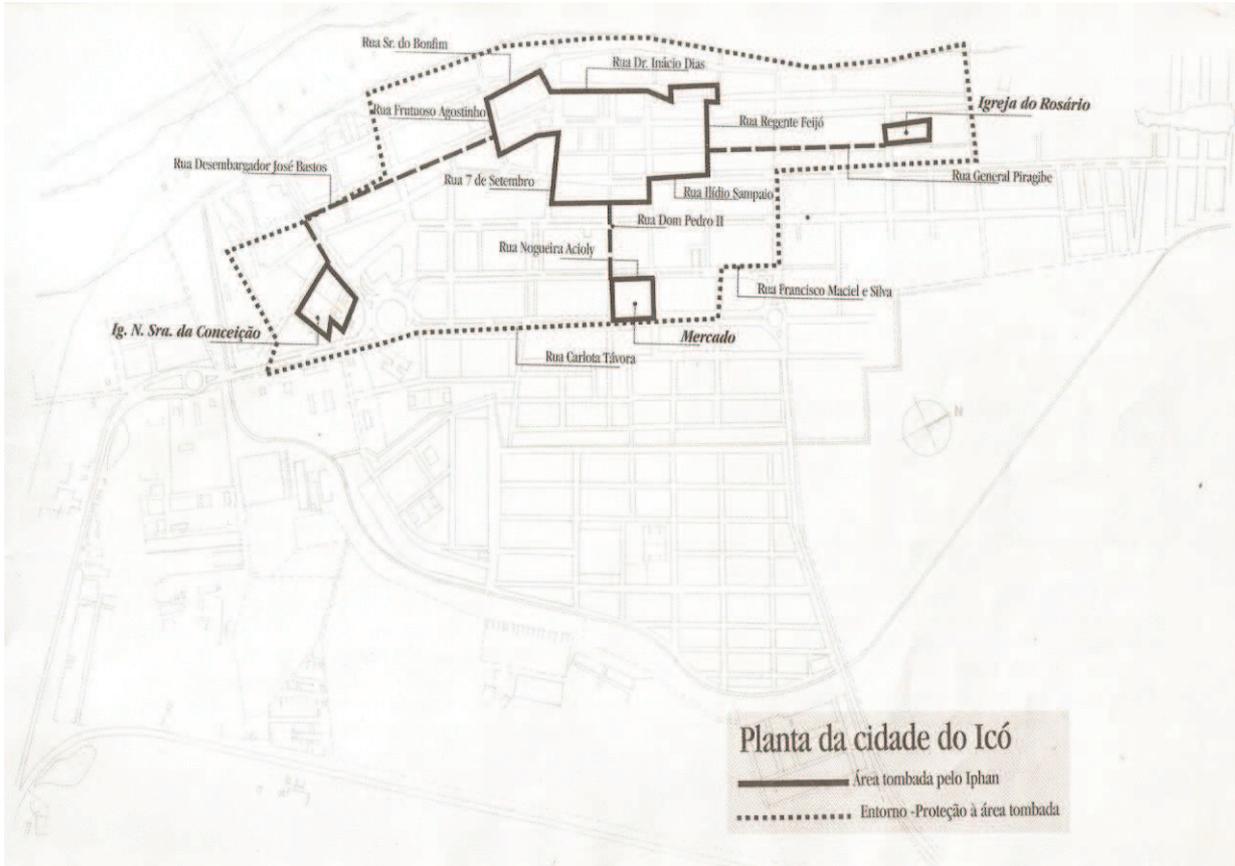
TAPETE DE SERRAGEM NA AVENIDA ILIDIO SAMPAIO, POR ONDE PASSA A PROCISSÃO DO SENHOR DO BONFIM.



BANDEIRA DO MUNICÍPIO DE ICÓ



BRASÃO DO MUNICÍPIO DE ICÓ



PLANTA DA CIDADE DE ICÓ, DESTACANDO A ÁREA TOMBADA PELO IPHAN E SEU ENTORNO



LARGO DO THEBERGE NOS TEMPOS ATUAIS E EM 1930